

## ROSA DOS EVENTOS, DE FRANCISCO CARVALHO: “A TERRA, O HOMEM, O FRÁGIL E O EFÊMERO”

Weslei Ribeiro da Cunha<sup>22</sup>

### Resumo

No presente estudo de *Rosa dos Eventos*, lançaremos um olhar crítico à dialética e multifacetada poética de Francisco Carvalho, a partir da qual verificaremos as implicações do contexto histórico e das leituras que fizera o poeta, fatores que constituem a sua formação intelectual, bem como verificaremos as nuances estilísticas de sua tessitura poética. Em *Rosa dos Eventos*, a consciência do fazer literário pode ser verificada pela própria estruturação da obra, dialeticamente dividida em três movimentos: “Poemas de Areia”, “Contemplação do Ruminante” e “Sina do Vento”. Dedicaremos um capítulo para cada movimento, destacando, principalmente, o signo poético do “vento”, *Leitmotiv* da obra, que designa o paradoxo da existência, por manifestar-se ora como força motivadora do ser, propiciando-nos a constatação do divino, ora como designativo do vazio existencial, do qual podemos inferir a inutilidade dos esforços humanos e a efemeridade.

### Palavras-chave

Poética de Francisco Carvalho, formação literária e cultural

### Resumé

Dans cette étude, nous allons lancer un regard critique sur la dialectique et multiforme poétique de Francisco Carvalho, à partir de laquelle nous allons vérifier les implications du contexte historique et des lectures que le poète avait faites, des facteurs qui constituent sa formation intellectuelle, ainsi que nous allons examiner les nuances stylistiques de sa composition poétique. Dans “Rosa dos Ventos”, la conscience du faire littéraire peut être vérifiée par la propre structure de l’oeuvre, dialectiquement divisée en trois mouvements: “ Poemas de Areia ” , “ Contemplação do Ruminante ” et “ Sina de Vento ” . Nous allons consacrer un chapitre pour chaque mouvement, en soulignant en particulier le signe poétique du “vento”, *Leitmotiv* de l’oeuvre, ce qui montre le paradoxe de l’existence, en exprimant une force bien plus motivante de l’être, en fournissant la réalisation du divin, ou comme designatif du vide existentiel, dont nous pouvons déduire l’inutilité et l’éphémérité.

### Mots-clé

Poétique de Francisco Carvalho, formation littéraire e culturelle

---

22 Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará.

## 1. Os eventos, Francisco Carvalho e o seu tempo.

*A poesia não morreu  
a poesia está por chegar.  
(Francisco Carvalho)*

*Todo homem tem um signo obscuro marcado  
a fogo na epiderme.  
(Francisco Carvalho)*

Como haver poesia após os massacres de Auschwitz, perguntam os filósofos no pós-guerra. Durante cerca de 40 anos, da eclosão da Primeira Guerra Mundial aos resultados da Segunda, a história da humanidade registra uma de suas páginas mais sangrentas, das quais podemos constatar o pungente “signo obscuro marcado a fogo na epiderme” no homem da época, a que se refere o poeta Francisco Carvalho. De fato, os tais eventos repercutiram nos diversos âmbitos das relações humanas, no comportamento, na religião, nas artes. Como afirma Eric Hobsbawn (1995, p.21), “esta não era a crise de uma forma de organizar sociedades, mas de todas as formas; constituiu-se, pois, como a crise dos fundamentos da vida humana”.

Por conseguinte, esta transformação do mundo proporcionou uma “Era de paradoxos”, visto que, por um lado, repercutiu no enfraquecimento das grandes potências europeias, com a tensão estabelecida entre um processo de globalização cada vez mais acelerado e com a incapacidade conjunta das instituições públicas e do comportamento coletivo dos seres humanos de se acomodarem a ela, e na desintegração de velhos padrões de relacionamento social humano; enquanto, por outro lado, a humanidade presenciou os maiores avanços científico-tecnológicos de sua história, bem como a modernização dos grandes centros urbanos.

Conforme Mário de Andrade (2002, p.253), esse contexto favoreceu a criação de um novo espírito, reverificado e mesmo remodelado pelos modernistas brasileiros, cujo marco principal fora a Semana de Arte Moderna. No Ceará, este espírito consolidou-se com a Geração de 45, cujo principal movimento fora o Grupo Clã, do qual participaram escritores e estudiosos, como Moreira Campos, Artur Eduardo Benevides, Pedro Paulo Montenegro, dentre outros nomes importantes.

Representar os referidos eventos e “buscar o homem no coração da treva”, eis um desafio verificado no processo de composição de Francisco Carvalho, em cuja obra podemos perceber uma depurada linguagem, do soneto shakespeariano ao camoniano, bem como à intempestiva linguagem pessoana do heterônimo Álvaro de Campos.

Vencedor da 1ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, com o livro *Quadrante Solar* (1982) e do prêmio da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com *Girassóis de Barro* (1997), Francisco Carvalho (1927 – 2013), nascido em Russas, encontra-se entre os grandes poetas da literatura brasileira contemporânea. A versatilidade estilístico-temática e o espírito de inquietude em

face dos grandes dramas humanos credenciam-no como um poeta de personalidade própria, o qual atrai um crescente número de leitores e pesquisadores, por desenvolver questionamentos essenciais do gênero humano.

No livro em estudo, *Rosa dos Eventos*, publicado em 1982, o drama do homem contemporâneo, a angústia dos “que foram expulsos do sonho” e dos “que abriram uma fenda de sangue e palavras no cimento da noite”, destacada no poema “Doação” (1982, p.17), pulsam com peculiar sensibilidade, todavia o poeta não olvida traços marcantes que constituem sua mitologia pessoal: a memória da terra, o cultivo dos mortos, o conflito Eros versus Tânatos. Nesta obra, podemos verificar os traços neo-realistas e neo-simbolistas de sua consistente poética, sua preocupação com o trabalho de composição literário revelado na estruturação da obra, bem como em metapoemas, como em “Signo” e “Opus 52”, cujos versos propicia-nos a reflexão acerca do fazer literário.

*Rosa dos Eventos* é estruturada em três movimentos, dialeticamente: “Poemas de Areia”, dos quais se pode inferir a fragilidade do homem, de sonhos e utopias, esperançoso de resgatar o humano do coração da treva; “Contemplação do Ruminante”, travessia penosa, desprovida de utopias: “Já passei o Cabo da Boa Esperança / e me aproximo do Cabo das Tormentas” (1982, p. 97), e “Sina do Vento”, que simboliza o efêmero, a evanescência, a fuga transcendente, metafísica; e a diáspora, que espalha, dispersa ou mesmo destrói.

Assim, como observa o poeta e ensaísta Linhares Filho<sup>23</sup>, “a terra, o homem, o frágil e o efêmero são, como na rosa-dos-ventos, os pontos cardeais da Rosa dos Eventos”. Com perspicácia, infere a seguinte proposição como tema do livro: “A terra e o homem constituindo forças que lutam contra o frágil e o efêmero da vida”. A luta é, sobretudo, existencial, uma vez que a avassaladora força do vento traz consigo a obnubilação oriunda dos catastróficos e cataclísmicos eventos de uma época sombria, que marca a fogo os signos poéticos de Francisco Carvalho, como nos versos do poema “Signo”, destacados na epígrafe.

A referida época é, de fato, expressa sob perscrutante inquietação e sentida com intensidade nos “Poemas de Areia”, haja vista que no poema “Interlúdio para Cefaléia”, o eu poético carvalhiano, ainda que tente reagir, na luta contra o frágil e o efêmero, sofre uma dor de cabeça universal, ao enxergar a crise das utopias. Essa dor “anula-lhe o corpo e azucrina-lhe a alma”, revela-se como uma inquietação fáustica do conhecimento, semelhante ao fardo de pensar e conhecer carregado pelo heterônimo pessoano Álvaro de Campos em “Tabacaria”, no qual afirma-se, nitidamente, niilista: “Crer em mim? Não, nem em nada” (1999, p.152). Através da figura da criança que come chocolate, a frustração fáustica do conhecimento é explicitada:

---

23 Cf. LINHARES FILHO. In: CARVALHO, Francisco. *Memórias do espantelho - poemas escolhidos*. p.14

(Come chocolate, pequena;  
Come chocolate!  
Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.  
Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.  
Come, pequena suja, come!  
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!  
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho.  
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida).

O eu poético pessoano inveja o fardo leve da criança, por esta não pensar. Em “Interlúdio para Cefaléia”, este fardo leve é representado pela vizinha tísica que não pára de bordar hemoptises em seu lenço, contrastando, pois, com o eu poético pungido pela dor de cabeça universal: “E o só pensar me faz tão infeliz”. Outro fator que nele intensifica a universal dor de cabeça, semelhante à inquietação pessoana, é a preocupação metafísica: “Não me falem de eternidade agora”. Essa dor de cabeça proporciona aos dois poetas uma visão desacreditada, visto que a vida segue-lhes alheia. À janela do quarto, enxergam uma realidade sem utopias, evanescente, evidente tanto em “Tabacaria” quanto em “Interlúdio para Cefaléia”, em que apela por uma aspirina, como fuga dessa dor de cabeça universal.

O caráter universal dessa dor permite-nos inferir a angústia proveniente dos horrores das Grandes Guerras, dos massacres dos campos de concentração nazista, das calamidades cataclísmicas da época. Por conseguinte, os fundamentos da racionalidade foram abalados, a visão de mundo do homem moderno contrasta com a visão antropocêntrica, racionalista e humanista do homem da Renascença. Tais incertezas e inquietações existenciais perpassam as gerações do nosso modernismo, “um tempo de homens partidos”, como destaca Carlos Drummond de Andrade (2004, p.119), no poema “Nosso tempo”:

Este é tempo de partido,  
tempo de homens partidos.  
Em vão percorremos volumes,  
viajamos e colorimos.  
A hora pressentida esmigalha-se  
em pó na rua.

Na poética carvalhiana, os ares desse tempo de “homens partidos” percorrem em diáspora, em tumulto, as entrelinhas dos versos. A inconformidade em face desse tempo se revela nitidamente em “Manifesto” (1982, p.24), com repetidas negações: “não vou esperar que o tempo me prenda em sua malha / não vou deixar que o vento se hospede em minha casa” [...] “enquanto não me disserem / o nome da Liberdade”. No entanto, a fragilidade humana é expressa pela limitação de forças diante da manifestação impetuosa do vento. A força metafísica do vento atua ante a fragilidade do homem, renegando-lhe a possibilidade de heroísmo, como nos versos do poema “Megalomania” (1982, p.50):

em cada esquina do tempo  
em cada esquina do mundo  
encontro a marca de um deus

onde estão os humilhados  
e os que arrastam a escória  
do sonho pelas sargetas?

“Onde é que há gente no mundo?” Em “Megalomania”, semelhante às indagações pessoais do heterônimo Álvaro de Campos (1999, p.234), em “Poema em Linha Reta”, Francisco Carvalho assinala o crepúsculo dos ídolos<sup>24</sup>. Na medida em que questiona acerca dos marginalizados do tempo, expõe as mazelas, as limitações e fragilidades do homem, desvelando, por conseguinte, a máscara narcísica dos semideuses. Em “Poema em Linha Reta”, Álvaro de Campos não hesita em ironizar as marcas dos deuses de cada esquina desse tempo: “Nunca conheci quem tivesse levado porrada”, “Quem me dera ouvir de alguém a voz humana”. “Ó príncipes meus irmãos, Arre, estou farto de semideuses!”

Além de Fernando Pessoa, o autor menciona também Jorge Luis Borges, Vinícius de Moraes, Jader de Carvalho, os quais exercem importante contribuição no fazer artístico de Francisco Carvalho. Tais contribuições enfatizam os antecedentes criativos da obra de arte, as experiências individuais do autor enquanto leitor, o que permite considerarmos a obra de arte um produto humano e não um objeto vazio. Logo, a recepção de outros discursos, como enfatiza Leyla Perrone Moisés (1990, p. 94), não se reduz a um fenômeno de passividade, mas como um confronto produtivo com o Outro.

Para Harold Bloom (2005, p.15), essas influências são necessárias à autonomia literária do escritor, uma vez que este, enquanto leitor, apropria-se das leituras e transforma-as, enquanto produz sua obra, deixando a marca do seu próprio estilo: “a relação de influência governa a leitura assim como governa a escrita, e a leitura, portanto, é uma desescrita, assim como a escrita é uma desleitura”. Portanto, as leituras feitas pelo poeta Francisco Carvalho estão em muitos dos seus versos; não obstante, neles estão contidos também sua consistente personalidade, a de quem, por exemplo, canta o rio da própria terra e, com sensibilidade peculiar, pensa a realidade e o seu tempo de forma universal.

## **2. Contemplação do ruminante: movimento antitético, travessia penosa.**

preciso de uma aspirina para esquecer  
que o homem é um utopia destronada entre utopias  
preciso de uma aspirina para me curar

24 Cf. LINHARES FILHO. In: CARVALHO, Francisco. *Memórias do espantelho - poemas escolhidos*. p.14-16.

desta profundíssima ressaca da alma.

Francisco Carvalho

Em “Contemplanção do ruminante”, os cataclísmicos eventos e, por conseguinte, a sensação de dor de cabeça universal, de “Interlúdio para Cefaléia”, são pensados à exaustão, com náusea, daí o apelo do poeta por uma aspirina, para curar “a profundíssima ressaca da alma”. “Contemplanção do Ruminante” é, em *Rosa dos Eventos* o movimento antitético, a travessia dolorosa, penosa, cujo drama consiste em ver e sentir, carregar o pesado fardo da realidade desprovida de utopias, como é destacado no poema “Travessia”(1982, p.97): “Coração, navegador solidário / dos ignotos mares do mito / já passaste o Cabo da Boa Esperança / e te aproximas do Cabo das Tormentas”.

Nessa penosa travessia, do “Cabo da Boa Esperança ao Cabo das Tormentas”, a desilusão contundente acerca das utopias e sonhos é remoída: “Agora é tarde demais para recomeçar / o que nunca foi começado. / Como todo mundo que se move na periferia do irreal / tive sonhos e utopias / que nunca passaram de sonhos e utopias”. A felicidade lhe escapara, a solidão “de muitos postos e de muitas âncoras” conhecera. O poeta constrói, assim, criativas imagens para designar a solidão: as ilhas, “*que só existem na alma de minhas retinas*” e o coração, navegador solitário, semelhante ao balde despejado do eu poético pessoano em “Tabacaria”(1999, p.153).

Meu coração é um balde despejado  
 Como os que invocam espírito invoco  
 A mim mesmo e não encontro nada  
 Chego à janela e vejo a rua com nitidez absoluta.  
 Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,  
 Vejo os cães que também existem,  
 E tudo isso me pesa como uma condenação ao degredo,  
 E tudo isto é estrangeiro, como tudo.

Com efeito, o olhar desiludido, triste e solitário do homem, a ruminar exaustivamente os eventos, é representado nas figuras do boi, das vacas, dos cabritos, animais que evocam também as raízes do poeta, ao telúrio, nos poemas “Notícia do boi”, “Notícia da vaca”, “Vaca mecânica”, “Os cabritos”, “Contemplanção do ruminante”. Neste processo de ruminação, o boi “pasta a dor de não pastar”, “pasta o homem e o que o presume”. É notório, pois, a problemática existencial, o ser condenado à existência, sujeito à morte e à decomposição, como é possível inferir dos versos de “Notícia do boi”(1982, p. 67,68).

O boi pasta a memória  
 do homem que o apascenta.  
 Às vezes pasta o enigma  
 que o segue noite adentro.  
 (...)  
 O boi pasta o galope  
 e as crinas do centauro

o boi pasta os meus olhos  
 e as contas do rosário.  
 O boi pasta a palavra  
 pasta o instante insolúvel.  
 Às vezes pasta o homem  
 e o seu clamor futuro.

O ruminante pasta o homem em busca de desvelar o enigma da existência, como se destacará em “Sina do Vento”. No entanto, antecedendo tal sina, que envolve uma problemática metafísica, o ruminante pasta, ou mesmo tece, qual Penélope, o destino do homem ao esquadrihar os mistérios da morte. Daí, pois, a preocupação com o tempo perpassa toda a obra. Eros e Tânatos, fio a fio, acompanham as entrelinhas dos versos de Francisco Carvalho, sob instigantes reflexões acerca dos vazios da vida, sobre os tormentos existenciais, sobre a fugacidade das coisas, sobre a transcendentalidade.

Dessa forma, como observa o poeta José Alcides Pinto (2004, p.452), “o tema da morte oferece ensejo e ocasião a constantes reflexões os novíssimos do homem, sobre o vazio da vida, sobre o tormento da fugacidade das coisas, sobre a ambição vã, sobre a vaidade vazia, enfim, sobre a perplexidade perante os quadros natureza e a inutilidade dos espaços do homem”, corroborando, desta forma, com a proposição sugerida por Linhares Filho: “a terra e o homem constituindo forças que lutam contra o frágil e o efêmero da vida”.

No entanto, ainda que a morte seja a essência de tal poética, a celebração da vida é uma constante, embora nem sempre descoberta com a facilidade com que se encontra a morte. Assim, em contraposição ao prazer, às ardências orgásmicas do sexo, das celebrações de Eros latentes na obra, há o contraste antagônico, o princípio de aniquilamento e dor, que engendra o processo vital do homem. Com efeito, Eros e Tanatos, ancorados à terra, às raízes, constituem significativa força criadora da poética carvalhiana, como é notório no poema “Enxada” (1982, p.101):

Esta enxada carcomida  
 pela saudade e a ferrugem  
 esta enxada sabe a lenda  
 do fantasma que os hospeda  
 no casarão da fazenda.

Esta enxada arou a terra  
 Misturou semente e adubo.  
 Viu as noites pendoadas  
 Viu a infância de meu pai  
 Boiando na água da chuva.

Esta enxada de aço e vento.  
 Faz tempo que não trabalha.  
 Seu longo cabo de angico  
 à espera das mãos calosas

do morto que virou mito.

Esta enxada é um signo de grande relevância em “Contemplação do Ruminante”, pois representa uma metonímia de suas raízes, do telúrico, e rememora a figura do avô. As marcas do tempo estão na ferrugem e na saudade, que revelam a presença de uma ausência, uma vez que faz tempo que ela não trabalha, “à espera das mãos calosas do morto que virou mito”.

Em “Soneto com alças” (1982, p.69), a memória do avô e o caráter telúrico também são enfatizados, configurando-se como rica prosopopéia nos versos (esta enxada) “regou a flor e a escória das estações”, “regou sonho e esqueleto dos ancestrais” e como bela metáfora nos versos: (esta enxada) “é um brasão de ferro, suor e aço”. Semente e adubo, infância e velhice, aço e vento, vida e morte, os extremos se tocam. De fato, parafraseando Hamlet, há muito mais mistério entre o céu e a terra do que pode imaginar a nossa vã filosófica.

A conflituosa luta entre Eros e Tanatos e os paradoxos e mistérios da existência condensam-se neste prisma, que é a obra multifacetada de Francisco Carvalho, conforme a imagem sugerida por Osman Lins, prestes a vetorizar-se, apontar caminhos e ampliar horizontes. O poeta lida com temas universais e não se restringe ao regional quando enaltece sua terra, suas raízes. Com efeito, esta terra universaliza-se, uma vez que o homem nela vivencia suas dores, angústias existenciais, suas alegrias e prazeres carnavais, sujeito às forças aniquiladoras do tempo, do vento, como o poeta designa em “Poema da definição”(1982, p.82):

A terra não é a paisagem  
volúvel que se adivinha  
a terra é o homem com o seu perfil de carnificina.

Teria sido o homem feito para a morte? O caráter finito de nossa existência é, de fato, um mistério inquietante, daí a importância da Literatura como uma espécie de protesto contra a morte. Acerca da constatação da vida, na poética de Carvalho, múltiplos são os disfarces para a sua manifestação, assim destaca Mailma de Sousa (2000, p. 181): “A vida está expressa através do amor que obscurece a morte, mesmo temporariamente, e ainda por intermédio da natureza e de seus fenômenos que, às vezes, até de modo sub-reptício, engendram o louvor à existência”.

No capítulo seguinte, desenvolveremos reflexão acerca do vento, que perpassa a obra com significativo valor metafísico e, posteriormente, verificaremos esta temática na figura do rio. Ambos revelam o caráter transcendental do ser, o qual propicia a reflexão de que Eros e Tanatos caminham juntos, dialeticamente, num contínuo vir-a-ser.

### **3. “O vento metafísico”: atmosfera de mistério e espiritualidade**

No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra estava sem forma e vazia; as terras cobriam o abismo e o Espírito pairava sobre as águas. (Gn 1, 1-2)

só me restou o vento

Francisco Carvalho

Herdar o vento, motivo de felicidade ou tristeza para o poeta? Esta indagação podemos inferir nos versos de “Partilha”, da obra *As verdes léguas*. Na esfera da produção literária carvalhiana, podemos constatar que o vento é, de fato, uma palavra encantatória, que designa o paradoxo da existência, o tudo e o nada, a efemeridade, a inutilidade dos esforços humanos, o vazio existencial, bem como, noutra perspectiva, podemos perceber a agilidade motivadora do ser, uma espiritualidade designativa da presença do divino. O vento, em *Rosa dos Eventos*, é o principal *Leitmotiv* da obra, cujo ápice de sua manifestação ocorre nos versos de “Sina do Vento”.

Em “Sina do Vento”, a plasticidade, a sonoridade, a atmosfera de mistério e espiritualidade evidenciam o caráter neo-simbolista de sua poética. A sina destinada ao vento proporciona-nos uma reflexão metafísica, bem como é possível registrar marcante intertextualidade bíblica, no que diz respeito à figura do vento enquanto Espírito, como destacamos na epígrafe, no livro do Gênesis. A presença deste vento, que não está ao alcance da visão, pode ser sentida, ainda que, por vezes, num sentido dionisíaco, como nos versos de “Poema do vento metafísico” (1982, p.118):

“Que vento é este que bate  
na janela escancarada?  
Será alma do outro mundo  
pedindo reza e saudade?”

Que vento é este que zumbe  
nas dobradiças das portas?  
Será alma de algum homem  
Que levasse um morto às costas?

(...)

Que vento é este que espanta  
os sete arcanjos de cedro?  
Será alma de enjeitado  
Procurando o olhar materno?

(...)

A reiterativa indagação acerca da natureza deste vento possibilita-nos confirmar a ilação acerca de um plano transcendente. Haja vista que o poeta cria uma atmosfera mística, com imagens insólitas, surreais, personificando o vento: “Que vento é este que nasce das paredes do meu quarto?”, “Que vento é este que arranca os esteios da fazenda?”, “Que vento é este que assusta os

“cristais de espuma viva?” Além disso, a presença do vento é enfatizada no poema pela sonoridade: “que vento é este que bate?”, “que vento é este que zumbe?”. Tal atmosfera mística proporciona-nos a percepção de uma quebra do caráter apolíneo, em detrimento do dionisíaco, evidente nas figuras do noivo e da donzela perdidos de amor, ou mesmo na figura da alma acorrentada quebrando os ferros da lenda.

A plasticidade cabalística representada pela simbologia dos números e pelas imagens de acentuado tom místico, freqüentes em *Rosa dos Eventos*, como os “sete arcanjos de cedro”, concorre para aproximarmos a tessitura carvalhiana à bíblica. No livro da Revelação, o Apocalipse de São João, por exemplo, por sete vezes a frase “Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas” (Ap 2-7; 17;19;3-6,13,22) é reiterado, mensagem endereçada às sete igrejas que estão na Ásia. Sete também são os selos que lacram o livro que só o Cordeiro é digno de abri-lo, sete são os anjos e sete são as trombetas que anunciam os mistérios, à medida que a mensagem do livro é revelada. O Espírito, neste caso, é o impetuoso vento, sempre presente, do Antigo ao Novo Testamento, como uma espécie de *Leitmotiv* da Sagrada Escritura.

Nesta perspectiva, o vento designa o tudo. No entanto, ele aparece também representando a efemeridade e a fragilidade do homem, em diáspora, tanto na tessitura carvalhiana quanto na bíblica, mais especificamente no livro do Eclesiastes (1,1-6):

Vaidades de vaidades!- diz o pregador, vaidade de vaidades! É tudo vaidade. Que vantagem tem o homem de todo o seu trabalho, que ele faz de baixo do sol? (...) Uma geração vai, e a outra vem; mas a terra para sempre permanece. E nasce o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar, de onde nasceu. O vento vai para o sul e faz o seu giro para o norte; continuamente vai girando o vento e volta fazendo os seus círculos.

Assim, “nada há novo sob o sol”. Esses contínuos movimentos que faz o vento atuam também em muito dos poemas de “Sina do Vento”, de forma devastadora, com ímpeto, como ocorre no poema “O vento e a diáspora”. A efemeridade da vida exerce significativa relevância nesse poema, uma vez que o vento leva o pai, a infância, o hímem das moças, os passos e as preces da romaria: “levou os mortos num salto de sete léguas”, fatores estes essenciais no universo ficcional carvalhiano. A efemeridade eclesiástica é nítida também em poemas como “A porta” e “Nada Mudou”.

Em “Nada mudou” (1982, p.116), podemos inferir as palavras do pregador: “É tudo vaidade”, “uma geração vai, e outra vem; mas a terra para sempre permanece”. “Nada mudou” é o sintagma reiterado em cada estrofe, para designar que o que não mudou foram as vaidades: “o anverso ensangüentado do sorriso”, “a plumagem verde da metáfora”, “o vento que sopra na arcada da hipocrisia”, “a fala insensata dos monumentos e das estátuas”, “na alvenaria da esperança que te

alumia”, “na marca impressa a fogo na tua face”. Enfim, os homens passam, são transitórios, porém são capazes de deixar suas marcas no tempo, suas grandezas e/ou baixezas.

Além disso, como é possível percebermos no poema “Porta” (1982, p. 118), os homens constroem uma tradição, com o passar dos acontecimentos, consolidado sua memória histórica. Nesse poema, o poeta acrescenta, à efemeridade dos acontecimentos, o afeto, a saudade, resultantes da travessia do vento, do “Nascente” ao “quebrar da barra”. Desta travessia, o poeta constrói imagens que revelam dor, “pela porta passa o defunto / sangrando por sete balaços”, “o céu que se via da porta/ tinha sangue na escadaria”, sob atmosfera mística e existencial: “na porta uma cruz de pau-d’arco / velava os sobreviventes / contra as pestes da profissão”. O poeta personifica a porta, dando-a um coração, construindo uma criativa metáfora da temporalidade:

O coração arcaico da porta  
pulsava uma outra dinastia  
prostituída pelo ouro  
de pêndulos alucinadas.

A temporalidade é um tema significativo da obra, cuja reflexão atinge elevado alcance; do telúrio, uma vez que designa ser a eternidade uma raiz; ao universal, visto que ele desenvolve questionamentos acerca do homem marcado pelas calamidades de seu tempo, pelos “horrores de Aushwitz”. No próximo capítulo, verificaremos, através do poema “Morada da Poesia” e do signo do “rio”, em “Balada Imemorial do Rio”, o pulsar das palavras no fluxo contínuo da poesia.

#### 4. Considerações finais:

Sob consistente estilo, as múltiplas faces da poética de Francisco Carvalho apresentam-se dialeticamente em *Rosa dos Eventos*, seja através do movimento dos ventos em diáspora, seja através do fluxo das águas do rio de sua terra. Por conseguinte, é possível verificar a presença da poesia pulsando em vasto âmbito da temporalidade, uma vez que o poeta lida com temas universais, partindo da simplicidade telúrica, de suas raízes.

Estas conclusões apresentam-se, pois, como um reconhecimento de que a multifacetada obra desse poeta cearense, tal qual um prisma, atinge o poético pela perspicácia reflexiva e pela peculiar sensibilidade ao lançar questões acerca das inquietações humanas em face da finitude inevitável, da efemeridade da vida, bem como acerca da espiritualidade, da presença do divino, da possibilidade de um plano transcendente e da própria Literatura, enquanto meio de protesto contra esta finitude.

Portanto, a plasticidade com que são tecidos os versos de *Rosa dos Eventos* e a multiplicidade temática desta obra oferecem ao leitor muitos caminhos a serem percorridos. O

fascinante universo da Literatura consiste, pois, na chave com a qual o leitor desvelará o reino das palavras, “as mil faces secretas sob a face neutra”, como questiona o eu lírico drummondiano. Faz-se necessário, desta forma, reforçar a indagação de Drummond ao depararmos-nos com a tessitura poética de Carvalho, essencial no movimento dialético da vida: “Trouxeste a chave?”

#### Notas:

2 Cf. LINHARES FILHO. In: CARVALHO, Francisco. *Memórias do espantinho - poemas escolhidos*. p.14

3 Cf. LINHARES FILHO. In: CARVALHO, Francisco. *Memórias do espantinho - poemas escolhidos*. p.14-16.

#### 8. Referências bibliográficas:

ANDRADE, Carlos Drummond. *Antologia poética*. 53ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2004.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 6ª ed. Editora Itatiaia, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BLOOM, Harold. *Um mapa da Desleitura*. São Paulo: Imago, 2005.

**CARVALHO, Francisco. *Memórias do espantinho - poemas escolhidos* – Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 2004.**

\_\_\_\_\_. *Rosa dos Eventos*. Fortaleza. Edições UFC. 1982.

**HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita; Revisão técnica, Maria Célia Paoli, 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.**

LINHARES FILHO, José. *Cantos de Fuga e Anclagem*. Fortaleza: Impreco, 2007.

PERRONE-MOISÉS, Leila. *Flores da escrivantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SILVA, Odalice de Castro. *A obra de arte e seu intérprete: reflexões sobre a contribuição crítica de Osman Lins*. Fortaleza: EUFC, 2000.

SOUZA, Mailma de. *Francisco Carvalho: uma poesia de Tanatos e Eros*. Fortaleza: Casa de José de Alencar - Programa Editorial, 2000.